

## POESIA E CRÍTICA: A DUPLA CHAMA EM OCTÁVIO PAZ

Solange Kate Araújo Vieira

*Mestre em Literatura Brasileira pela UFC e Professora  
Substituta de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na  
UFC. Professora de cursos de formação do Magistério Público.*

“Sua palavra se ajustava à criação e à crítica” afirma Celso Lafer, em artigo publicado em O Estado de São Paulo em 26.04.1998. Tendo convivido com o poeta-crítico Octávio Paz, em um curso sobre poesia na Universidade de Cornell, e um dos primeiros a divulgar a obra do poeta no Brasil, numa antologia organizada com o também poeta-crítico Haroldo de Campos, Celso Lafer legitima a dupla chama, sempre presente na obra de Octávio Paz. A palavra viva e vivida em toda sua plenitude pelo poeta Octávio Paz atesta este movimento contínuo entre a criação e a crítica. Poesia e crítica foram, na experiência do poeta, vertentes intercambiantes.

No plano da poética, assim Octávio Paz expressa o ofício do poeta:

Uma linguagem que corte o fôlego. Rasante, talhante, cortante. Um exército de espadas. Uma linguagem de aços exatos, de relâmpagos afiados, de esdrúxulas e agudas, incansáveis, reluzentes, metódicas navalhas. Uma linguagem guilhotina. Uma dentadura trituradora, que faça uma pasta dos eutuelesnósvóseles. Um vento de punhais que desgarre e desarraigue e descoalhe e desonre as famílias, os templos, as bibliotecas, os cárceres, os bordéis, os colégios, os manicômios, as fábricas, as academias, os pretórios, os bancos, as amizades, as tabernas, a esperança, a revolução, a caridade, a justiça, as crenças, os erros, as verdades, a verdade.

Neste trecho de *Trabalhos do poeta*, Octávio Paz já se nos apresenta sobretudo como poeta. E o seu “trabalho” não se limita a fazer

versos ou estruturar poemas. A sua poética transcende as simples formulações de uma construção lógica e linear. É uma poética fragmentada, pulverizada em estilhaços. Sobretudo transgressora.

Aliás, a história da poesia latino-americana do século XX é a história da transgressão. Transgressão não somente das formas como dos modelos e dos cânones da escritura. E toda essa poesia transgressora que vemos em Pablo Neruda, José Lesama Lima, Mário de Andrade, Oswald de Andrade apresenta uma preocupação comum: expressar uma realidade fragmentada com o auxílio de uma linguagem não menos perturbada em sua capacidade reflexiva. E daí uma problemática que vai permear a poesia do século XX: a linguagem e suas possibilidades de referir o mundo.

Quando sobre o papel a pena escreve,  
A qualquer hora solitária,  
Quem a guia?

#### (Escritura)

Octávio Paz se situa neste eixo, numa perspectiva crítica, conflitiva, onde a função problematizadora da linguagem ocorre de um modo vívido, quase como uma atitude programática.

Paz parte igualmente de uma rebelião — de uma desobediência indócil diante da percepção moderna que a relação entre ser e sentido é arbitrária e que, portanto, não existe identidade entre a palavra e aquilo que designa. Paz faz sua “revolução” entendida como uma ponte entre a palavra viva e a palavra vivida, pois, para ele, a poesia moderna não é apenas expressão, mas igualmente experimento — um experimento revelador das dificuldades e dilemas do poeta, ao verificar a erosão do seu poder e de sua possibilidade de nomear as coisas:

Palavra? Sim. De ar  
e perdidas no ar.

.....

um sopro erramundo sem contornos  
breve aroma que no ar se desvanece.

### (Destino do poeta)

Esse é o destino do poeta, caminhar nesta “terra calcinada” da linguagem na solidão da “*linguagem desabitada / sob a pele da penumbra*”.

Este poeta mexicano e cidadão do mundo, nascido na cidade do México em 1914, trazia no sangue índio e espanhol o signo da rebelião. Sua família sempre fora envolvida com política (seu pai combatera na Revolução Mexicana, partidário do líder camponês Zapata, um dos planejadores da reforma agrária) e ele próprio, mais tarde, participaria da Guerra Civil espanhola.

Aliás, uma singularidade de Paz reside na maneira como ele consegue conjugar às considerações sobre poética as reflexões sobre política. *Labirinto da solidão* inicia polemicamente esta conjunção. Publicado em 1950, reflete a história do México, sua identidade, a mexicanidade. O mexicano firma sua identidade histórica, inventando suas singularidades, traçando suas diferenças com outros povos e culturas, criando espelhos para traduzi-las. Refletindo sobre a história do México, o autor reflete sobre si mesmo, sobre a condição humana, sobre a história na sua dimensão mais ampla.

O *Labirinto da solidão* é o ponto de partida para a outra chama sempre acesa na poética de Octávio Paz: a crítica. Esta conjunção “poesia/crítica”, que se firmou na modernidade com Baudelaire, Paul Valery, T.S. Eliot, Ezra Pound, já tinha raízes anteriores em escritores como Dante. Mas Octávio Paz segue uma trilha singular.

Segundo Sebastião Uchoa de Leite, o modelo crítico de Octávio Paz é antipragmático, uma crítica de menos certezas e de freqüente indagação do ato poético e do mundo em que está inserido.

O ápice de sua crítica é atingido na trilogia composta por *O arco e a lira*, *Os filhos do barro*, e *A outra voz*.

Em *O arco e a lira* talvez se caracterize mais o seu método crítico-poético de desdobramento. Paz utiliza o método de cercar o tema, desdobrá-lo, ramificá-lo em várias direções. A página inicial do ensaio *Poesia e poema* confirma muito bem este método:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono.  
Operação capaz de transformar o mundo, a atividade po-

ética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior: linguagem primitiva. Obediência às regras, cópia do real, cópia de uma copiada Idéia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário.

Octávio Paz não é um crítico de sistema ancorado a um código específico de linguagem crítica. É um poeta que faz a crítica da linguagem poética. Não sendo crítico de sistema, não deixa, por isso, de ter método. Seu objetivo parece às vezes inconsistente, aéreo, difícil de ser apreendido pela linguagem lógica da crítica. Crítica e poesia em Octávio Paz dividem: são dois modos de expressão da apreensão do real.

Pode-se distinguir na crítica entre uma metodologia explicitada e outra que não chega a definir-se. O primeiro caso é o da crítica nomeada: sociológica, filológica, lingüística, estilística, psicanalítica, etc. Todos ou quase todos os poetas críticos se inserem no segundo caso: Valery, Pound, Eliot, etc. Mas na maioria dos casos encontra-se uma

coerência interna. Em Paz há permanentemente a dúvida metodológica implícita no próprio mecanismo verbal de sua crítica.

Uma das afirmações mais constantes de Octávio Paz é o conceito de que a linguagem é ambígua e poética em sua origem. A linguagem poética é a linguagem natural mais próxima da comunicação oral cotidiana, enquanto que a prosa é a idade da razão da linguagem. Paz afirma que podem existir povos sem a linguagem da prosa, mas é impossível uma cultura sem poesia, isto é, sem canções, sem mitos.

O conceito de poético é fundamental para compreendermos o pensamento crítico de Paz. Poesia significa “pensamento analógico” versus prosa “pensamento lógico”. Considera que a linguagem poética é afirmação e crítica da realidade exterior. A poesia revela toda a condição humana.

Para Octávio Paz, afirma Celso Lafer, a crítica da realidade e da sociedade se faz pela crítica da linguagem.

Em *Os filhos do barro*, Octávio Paz afirma que o poema “é o produto de uma história e de uma sociedade, mas o seu modo de ser histórico e contraditório”.

A obra de Paz é vasta, pontuada de reflexões sobre a história e a modernidade, e por uma preocupação com os homens e suas relações sociais. Poesia e história se intercambiam, se deixam ler como um livro: o mundo é um texto.

O seu poema mais ambicioso *Blanco* — transcrito aqui no Brasil pelo também poeta-crítico Haroldo de Campos — momento de maior tensão da aventura poética de Octávio Paz, explora esta relação mundo/palavra. *Blanco* parte do silêncio ancestral — o começo da criação:

“o começo  
o cimento  
a semente  
latente  
a palavra na ponta da língua  
inaudita inaudível  
ímpar  
grávida  
.....”

O mundo em *Blanco* teria seu começo com a linguagem. Mesmo

consciente que o mundo é anterior ao poema, o texto, ao criar o mundo, cria sua imagem, cria seu igual. O poema, concebido como linguagem, inventa e inaugura uma realidade.

À medida que o poeta inaugura o mundo através da linguagem, sente a necessidade de explorar criticamente este mundo. A crítica de Paz é também uma crítica da linguagem, uma crítica do homem. “Ele não esquece que o ser humano se interroga, esforçando-se em compreender sua essência, seu destino”.

Por isso, muito mais que uma dissensão, entre a poesia e crítica de Paz há uma unidade. Paz, como poeta e pensador, explora as relações de afinidade e de oposição das sociedades e dos indivíduos com a modernidade, com o progresso, com a técnica. A reflexão se nutre da criação e a criação se nutre, por sua vez, da reflexão. Essa cisão se faz problemática porque resulta numa reflexão mais fragmentária que totalitária. Paz procura descobrir a figura do mundo na dispersão dos fragmentos. Fragmentária, mas lúcida e fundamentalmente dialógica, Paz fundou um instrumento crítico pessoal, ancorado a um pensamento coerente a que foi fiel. Crítico a quem não interessa o que está definido nem petrificado, prefere indagar a afirmar, sugerir a indicar.

Horácio Costa, poeta, ensaísta e tradutor de Octávio Paz, afirma que, embora multifacetada, a crítica de Paz que aborda desde os trágicos gregos ao cinema de Bunuel, poderia fazer supor que se trata de um pensar disperso. Nada mais equivocado. A diversidade e a multiplicidade supõem a unidade. O impulso unificador de que é imbuído tende à síntese e à conciliação dos contrários. O pensar de Paz é aberto e não dogmático. O próprio Octávio afirmou em uma mesa-redonda realizada em São Paulo em maio de 1985 que, se há um signo que defina a nossa época, este signo é o da interrogação. Indagação crítica que se move sempre numa terra minada e que se deixa sempre minar pelo demônio da dúvida.

*A outra voz*, de Octávio Paz, reflete a preocupação do autor com os caminhos da poesia no período contemporâneo. Ele examina, com muita pertinência, que “as artes e a literatura estão expostas a um perigo distinto: não se vêem ameaçadas por uma doutrina ou um partido político onisciente, mas sim por um processo econômico, sem rosto, sem alma e sem rumo. O

*mercado é circular, impessoal, imparcial e inflexível (...), é cego e surdo, não sabe nem pode escolher. Sua censura não é ideológica: não tem idéias. Sabe de preços, não de valores."*

Paz, nesta obra, exercita e defende a poesia. Acredita no poder iluminador da "outra voz" representada pela poesia. A voz poética é outra porque é a voz das paixões e das visões: é do outro mundo e é deste mundo. Por isso, apesar deste mundo regido pela lógica da eficácia e a poesia se apresentar como uma atividade de rendimento nulo, Paz como um "guardião da palavra" apaixonadamente e honestamente crê que a poesia acorda o homem que está dormindo no fundo de cada homem. É esta a sua função maior neste século. Ser o "antídoto da técnica e do mercado".

Assim como coloca Bella Josef, sua estudiosa e tradutora, a palavra paziana é meio de libertação e comunhão dos homens. Através da palavra o homem passa a existir e à poesia cabe a função de revelar nossa condição original e recuperar este reino perdido.

A chama acesa, que sempre acompanhou a trajetória deste homem plural, foi indubitavelmente a poesia. Ele mesmo declara em *Tempo nublado* que sua paixão é a poesia e, sua ocupação, a literatura. Com sua poética paradoxal, delirante, ele rompe com os binarismos excludentes do pensamento racionalista ocidental. Consegue conjugar com maestria a "mexicanidade" e o cosmopolitismo, o mesmo e o outro, o nacional e o universal. Pensamento que transitou do individual ao social, do social ao filosófico, apresentando o homem como unidade histórica, transcendência e imanência.

A poesia de Octávio Paz é uma poesia que se arrisca em um jogo aberto e perigoso:

“como uma chama  
uma ilha de chamas  
paixão de brasa compassiva  
o mundo”

(Blanco)

### Referências Bibliográficas:

- LEITE, Sebastião Uchoa, *Crítica clandestina*. Rio de Janeiro: Taurus, s/d.
- MACIEL, Maria Esther (org). *A palavra inquieta*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- PAZ, Octávio, e CAMPOS, Haroldo. *Transblanco*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A dupla chama - amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O labirinto da solidão e Post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Tempo nublado*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- PERRONE, Moisés, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.